

## Lista Patrística e Santo Agostinho

### Exercícios: Filosofia Medieval - Patrística e Santo Agostinho

1. Agostinho, em Confissões, diz: "Mas após a leitura daqueles livros dos platônicos e de ser levado por eles a buscar a verdade incorpórea, percebi que 'as perfeições invisíveis são visíveis em suas obras' (Carta de Paulo aos Romanos, 1, 20)".

Agostinho de Hipona. Confissões, livro VII, cap. 20, citado por: MARCONDES, Danilo. Textos Básicos de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. Tradução do autor.

Nesse trecho, podemos perceber como Agostinho

- a) se utilizou da Bíblia para conhecer melhor a filosofia platônica.
- b) utiliza a filosofia platônica para refutar os textos bíblicos.
- c) separa nitidamente os domínios da filosofia e da religião.
- d) foi despertado para o conhecimento de Deus a partir da filosofia platônica.

2. Atente para a seguinte passagem, em que Santo Agostinho se questiona sobre a origem do mal:

"Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom, e é também a mesma bondade? Donde me veio, então, o querer, eu, o mal e não querer o bem? Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas, enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois, vem o mal?"

AGOSTINHO, Santo. Confissões; De magistro. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção "Os Pensadores". Livro VII. Adaptado.

Sobre esse aspecto da filosofia do bispo de Hipona, considere as seguintes afirmações:

I. Como os maniqueístas, de quem sofreu forte influência, Agostinho afirmava a existência do Bem e do Mal e que os homens não eram culpados de ações classificadas como más. O mal lhes era inato, portanto, não havia culpa, mas poderiam obter a salvação da alma por intermédio da graça divina.

II. Para Agostinho, não se deveria atribuir a Deus a origem do Mal, visto que, como Sumo Bem, ele não o poderia criar. São os homens os responsáveis pela presença do Mal e cabe a estes fazerem uso de sua liberdade e escolherem entre a boa e a má ação.

III. Dispondo do livre arbítrio, o ser humano pode optar por bens inferiores. Mas o livre arbítrio não pode ser visto como um mal em si, pois foi Deus quem o criou. Ter recebido de Deus uma vontade livre é para o ser humano um grande bem. O mal é o mau uso desse grande bem.

É correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I e II apenas.

3. A filosofia de Agostinho (354 – 430) é estreitamente devedora do platonismo cristão milanês: foi nas traduções de Mário Vitorino que leu os textos de Plotino e de Porfírio, cujo espiritualismo devia aproximá-lo do cristianismo. Ouvindo sermões de Ambrósio, influenciados por Plotino, que Agostinho venceu suas últimas resistências (de tornar-se cristão).

PEPIN, Jean. Santo Agostinho e a patrística ocidental. In: CHÂTELET, François (org.) A Filosofia medieval. Rio de Janeiro Zahar Editores: 1983, p. 77.

Apesar de ter sido influenciado pela filosofia de Platão, por meio dos escritos de Plotino, o pensamento de Agostinho apresenta muitas diferenças se comparado ao pensamento de Platão.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, uma dessas diferenças.

a) Para Agostinho, é possível ao ser humano obter o conhecimento verdadeiro, enquanto, para Platão, a verdade a respeito do mundo é inacessível ao ser humano.

b) Para Platão, a verdadeira realidade encontra-se no mundo das Ideias, enquanto para Agostinho não existe nenhuma realidade além do mundo natural em que vivemos.

c) Para Agostinho, a alma é imortal, enquanto para Platão a alma não é imortal, já que é apenas a forma do corpo.

d) Para Platão, o conhecimento é, na verdade, reminiscência, a alma reconhece as Ideias que ela contemplou antes de nascer; Agostinho diz que o conhecimento é resultado da Iluminação divina, a centelha de Deus que existe em cada um.

4. A filosofia de Santo Agostinho é essencialmente uma fusão das concepções cristãs com o pensamento platônico. Subordinando a razão à fé, Agostinho de Hipona afirma existirem verdades superiores e inferiores, sendo as primeiras compreendidas a partir da ação de Deus. Como se chama a teoria agostiniana que afirma ser a ação de Deus que leva o homem a atingir as verdades superiores?

a) Teoria da Predestinação.

b) Teoria da Providência.

c) Teoria Dualista.

d) Teoria da Emissão.

e) Teoria da Iluminação.

5. Se os nossos adversários, que admitem a existência de uma natureza não criada por Deus, o Sumo Bem, quisessem admitir que essas considerações estão certas, deixariam de proferir tantas blasfêmias, como a de atribuir a Deus tanto a autoria dos bens quanto dos males. Pois sendo Ele fonte suprema da Bondade, nunca poderia ter criado aquilo que é contrário à sua natureza.

AGOSTINHO. A natureza do Bem. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005 (adaptado).

Para Agostinho, não se deve atribuir a Deus a origem do mal porque

a) o surgimento do mal é anterior à existência de Deus.

b) o mal, enquanto princípio ontológico, independe de Deus.

c) Deus apenas transforma a matéria, que é, por natureza, má.

d) por ser bom, Deus não pode criar o que lhe é oposto, o mal.

e) Deus se limita a administrar a dialética existente entre o bem e o mal.

6. O trecho que se apresenta a seguir trata da compreensão de Agostinho de Hipona sobre a origem do mal e do pecado:

“Logo só me resta concluir: tudo o que é igual ou superior à mente que exerce seu natural senhorio e acha-se dotada de virtude não pode fazer dela escrava da paixão. Não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio”.

Santo Agostinho. O livre-arbítrio. São Paulo: Paulus, 1995. P.52.

No que diz respeito ao conceito de livre-arbítrio e à origem do mal na obra filosófica de Agostinho de Hipona, considere as seguintes afirmações:

I. Para Agostinho, o livre-arbítrio é sempre um bem concedido ao homem por Deus, mesmo que o homem utilize-o de forma errônea, o que provoca o mal.

II. Em concordância com a tradição dos pensamentos maniqueísta e neoplatônico, Santo Agostinho defendia a visão dualista de um mundo em perpétua luta entre o Bem e o Mal.

III. Segundo o bispo de Hipona, o mal não possui ser, não pertence à ordem, ele é a corrupção do ser e é de inteira responsabilidade do homem, enquanto ser livre.

É correto o que se afirma em

a) II e III apenas.

- b) I e II apenas.
- c) I e III apenas.
- d) I, II e III.

7. Segundo o texto abaixo, de Agostinho de Hipona (354-430 d. C.), Deus cria todas as coisas a partir de modelos imutáveis e eternos, que são as ideias divinas. Essas ideias ou razões seminais, como também são chamadas, não existem em um mundo à parte, independentes de Deus, mas residem na própria mente do Criador,

[...] a mesma sabedoria divina, por quem foram criadas todas as coisas, conhecia aquelas primeiras, divinas, imutáveis e eternas razões de todas as coisas, antes de serem criadas [...].

Sobre o Gênese, V

Considerando as informações acima, é correto afirmar que se pode perceber:

- a) que Agostinho modifica certas ideias do cristianismo a fim de que este seja concordante com a filosofia de Platão, que ele considerava a verdadeira.
- b) uma crítica radical à filosofia platônica, pois esta é contraditória com a fé cristã.
- c) a influência da filosofia platônica sobre Agostinho, mas esta é modificada a fim de concordar com a doutrina cristã.
- d) uma crítica violenta de Agostinho contra a filosofia em geral.

8. De fato, não é porque o homem pode usar a vontade livre para pecar que se deve supor que Deus a concedeu para isso. Há, portanto, uma razão pela qual Deus deu ao homem esta característica, pois sem ela não poderia viver e agir corretamente. Pode-se compreender, então, que ela foi concedida ao homem para esse fim, considerando-se que se um homem a usar para pecar, recairão sobre ele as punições divinas. Ora, isso seria injusto se a vontade livre tivesse sido dada ao homem não apenas para agir corretamente, mas também para pecar. Na verdade, por que deveria ser punido aquele que

usasse da sua vontade para o fim para o qual ela lhe foi dada?

AGOSTINHO. O livre-arbítrio. In: MARCONDES, D. Textos básicos de ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Nesse texto, o filósofo cristão Agostinho de Hipona sustenta que a punição divina tem como fundamento o(a)

- a) desvio da postura celibatária.
- b) insuficiência da autonomia moral.
- c) afastamento das ações de desapego.
- d) distanciamento das práticas de sacrifício,
- e) violação dos preceitos do Velho Testamento.

9. Em diálogo com Evódio, Santo Agostinho afirma: “parecia a ti, como dizias, que o livre-arbítrio da vontade não devia nos ter sido dado, visto que as pessoas servem-se dele para pecar. Eu opunha à tua opinião que não podemos agir com retidão a não ser pelo livre-arbítrio da vontade. E afirmava que Deus no-lo deu, sobretudo em vista desse bem. Tu me respondeste que a vontade livre devia nos ter sido dada do mesmo modo como nos foi dada a justiça, da qual ninguém pode se servir a não ser com retidão”.

AGOSTINHO. O livre-arbítrio, Introdução, III, 18, 47.

Com base nessa passagem acerca do livre-arbítrio da vontade, em Agostinho, é correto afirmar que

- a) o livre-arbítrio é o que conduz o homem ao pecado e ao afastamento de Deus.
- b) o poder de decisão – arbítrio – da vontade humana é o que permite a ação moralmente reta.
- c) é da vontade de Deus que o homem não tenha capacidade de decidir pelo pecado, já que o Seu amor pelo homem é maior do que o pecado.
- d) a ação justa é aquela que foi praticada com o livre-arbítrio; injusta é aquela que não ocorreu por meio do livre-arbítrio.

10. Santo Agostinho refletiu sobre as questões do ensino e do aprendizado, observando que os mestres têm grande importância no ensino porque, por meio de palavras, podem ensinar. No entanto, não bastam as palavras exteriores para o conhecimento verdadeiro, é preciso o auxílio do mestre interior, conforme afirma De Magistro:

“No que diz respeito a todas as coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, a qual soa por fora, mas a verdade que dentro de nós preside a própria mente, incitados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado, ensina verdadeiramente, e este é Cristo, que habita, como foi dito, no homem interior, isto é, a virtude incomutável de Deus e a sempiterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela a cada um quanto é permitido pela sua própria boa ou má vontade.”

SANTO AGOSTINHO. De Magistro. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987, Capítulo XI, p. 319.

De acordo com o trecho, deduz-se que o papel do ensinamento de mestres é

- a) demonstrar a verdade incontestável.
- b) enunciar somente o que é a verdade.
- c) estimular a busca da verdade interior.
- d) ensinar verdades para além de Cristo.

## Gabarito:

### Resposta da questão 1:

[D]

O trecho abordado demonstra que o processo de sistematização da doutrina cristã elaborado por Agostinho de Hipona teve sua base teórica na filosofia clássica grega, mais especificamente na filosofia platônica. Assim, observa-se que o pensador reinterpreta a obra de Platão segundo os valores cristãos, adaptando seu conteúdo à análise dos temas teológicos.

### Resposta da questão 2:

[C]

Entre os teólogos cristãos do período medieval, um problema filosófico se impõe: a questão da origem do mal, pois, sendo Deus o sumo bem, poderia ter criado o seu oposto? Na perspectiva agostiniana sobre essa questão, o mal não é algo que existe metafisicamente, de modo que não se define enquanto algo que é, em si. Nesse sentido, o mal seria um “não ser”, pois seria a ausência de algo, no caso, a ausência do bem. Para Agostinho, Deus apenas criou o livre-arbítrio, sendo os homens, no uso de sua liberdade, os responsáveis por escolher a rejeição do bem. A partir dessas considerações, o item [I] deve ser identificado como incorreto, uma vez que contradiz a teoria agostiniana acerca do mal, ao negar a culpa dos homens pela opção das más ações. Já os itens [II] e [III] apresentam afirmações corretas.

### Resposta da questão 3:

[D]

Agostinho faz das Ideias os pensamentos de Deus e rejeita a doutrina da reminiscência que supõe a preexistência da alma que exclui a possibilidade do criacionismo, típico da teoria agostiniana que segundo alguns autores é a doutrina platônica transformada no criacionismo com aquela luz de que falam nas Sagradas Escrituras que orientam a inteligência humana que é dom de Deus e em

Platão, é uma lembrança da alma enquanto contempladora do mundo das essências.

### Resposta da questão 4:

[E]

A teoria agostiniana, a respeito do conhecimento, é chamada de Teoria da Iluminação. Segundo ela, o homem conhece a verdade das coisas a partir da iluminação divina sobre a sua alma. Desta forma, somente a alternativa [E] está correta.

### Resposta da questão 5:

[D]

O autor parte da concepção de que o mal não existe enquanto si mesmo, não possuindo, portanto, uma natureza própria, sendo apenas a ausência do bem. Assim, para ele, Deus, por ser a bondade absoluta, não poderia ser autor do que existe como ausência daquilo que representa sua própria essência e se manifesta como o contrário dela.

### Resposta da questão 6:

[C]

Para Agostinho, Deus criou humanos como seres racionais e livres, capazes de avaliar e de escolher, inclusive, de escolher o que é ruim e errado. Assim a existência do mal não seria fruto da criação de Deus, pois o mal não é algo e sim a ausência de algo. Por um tempo, Agostinho chegou a se dedicar ao maniqueísmo e conseqüentemente a ver o bem e o mal como forças duplas que regem o universo, mas suas obras filosóficas são fundamentalmente datadas do momento posterior a sua atração pelo cristianismo, que o levou a compreender o bem como uma criação divina e o mal como a ausência dessa criação.

### Resposta da questão 7:

[C]

A concepção de Deus para Platão era de um Deus do intelecto, para Agostinho este conceito cai totalmente, para ele, Agostinho, Deus pode estar nos dois lugares ao mesmo tempo; tanto no intelecto, quanto criador do mundo da natureza como ser criador de todas as coisas. Tal concepção do homem provinha de Platão, para o qual o homem é definido como uma alma que se serve de um corpo. Agostinho mantém esse conceito com todas as consequências lógicas que ele comporta. Assim, o verdadeiro conhecimento não seria a apreensão de objetos exteriores ao sujeito, devido à sua variabilidade, e sim, a descoberta de regras imutáveis, como o princípio ético segundo o qual é necessário fazer o bem e evitar o mal. Tal conhecimento se refere às realidades não sensíveis cujo caráter fundamental seria a necessidade, pois são o que são e não podiam ser diferentes.

Agostinho supera o ceticismo mediante o iluminismo platônico. Inicialmente, ele conquista a certeza da própria existência espiritual, e deste conceito tira uma verdade particular, de que Deus enquanto verdade onipotente, onisciente pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Embora desvalorize o conhecimento platônico da sensibilidade em relação ao conhecimento intelectual, admite Agostinho que os sentidos, como o intelecto são fonte de conhecimento. Para Agostinho, a fé e a razão complementam-se na busca da felicidade e da graça. A graça, para ele, não é alcançada por procedimento intelectual, mas por ato de intuição e fé. Mas a razão se relaciona com a fé no sentido de provar a sua correção. Ou seja, a fé é precedida por certo trabalho da razão e, após obtê-la, a razão a sedimenta. A razão relaciona-se, portanto, duplamente com a fé. É necessário compreender para crer, e crer para compreender. Aqui se percebe que, para Agostinho, a filosofia é apenas um instrumento destinado a um fim que transcende seus próprios limites.

#### Resposta da questão 8:

[B]

A ideia de livre-arbítrio é o mais conhecido conceito de Agostinho de Hipona. Segundo ele, o ser humano foi criado de forma livre. No entanto, quando se utiliza dessa liberdade para se distanciar do seu fim, ele peca, ou seja, comete o mal e pode ser punido por isso.

#### Resposta da questão 9:

[B]

Segundo o pensamento de Agostinho, o livre-arbítrio é uma dádiva divina dos indivíduos racionais que possibilita a liberdade de agir segundo a própria vontade. Para ele, o livre arbítrio é o uso consciente da própria liberdade, de modo que implica a escolha da retidão ou do pecado. Com efeito, sendo o livre agir um “dom” concedido por Deus, ação moralmente correta só poderia ser aquela que, conscientemente, o indivíduo, no uso da sua liberdade de decisão, escolheu seguir.

#### Resposta da questão 10:

[C]

O fragmento apresentado no enunciado deixa claro que, na perspectiva filosófica de Agostinho de Hipona, o mestre é responsável por provocar ou incentivar as mentes a buscar dentro delas mesmas a verdade. Esta verdade é resultado da conexão entre as pessoas e Deus. Assim, cabe ao mestre estimular a busca da verdade e não a demonstrar ou a ensinar, já que a verdade não vem do mestre sim da ligação entre as pessoas e Deus.